



Cultura(s) de ontem, cultura(s) de hoje

Virgínia Soares Pereira*

“Sou homem e nada do que é humano me é alheio”

(Terêncio, séc. II a.C.)

Houve um tempo em que o mundo conhecido tinha um centro – sinalizado pelo *omphalos*, quer dizer, “umbigo”, nome dado a uma pedra cônica que, segundo os Gregos, assinalava o centro geográfico e religioso do mundo. O centro mais importante da Antiguidade localizava-se no *adyton* do templo de Apolo, em Delfos (na Grécia Central), no local onde eram proferidos os oráculos do deus, e para lá se dirigiam todos aqueles que queriam saber que lhes reservava o futuro. Mas com as conquistas de Alexandre – que para muitos constituiu uma primeira experiência de globalização –, esse centro diluiu-se, esbateram-se fronteiras, criaram-se, como agora se diz, outras centralidades, e o império, que se afigurava demasiado vasto para a medida de qualquer homem, foi

* Presidente do Centro de Estudos Lusíadas. Membro do Conselho Cultural da Universidade do Minho.

fragmentado em vários reinos, cada um com o seu centro: a grande Alexandria (no Egito), Antioquia (na Síria), Pérgamo (na Ásia Menor) e Péla (na Macedónia). Em resultado desta fragmentação e de lutas de domínio, estes reinos foram sucessivamente caindo às mãos de um povo que se ia afirmando como uma potência “emergente”, o povo Romano. Roma irá tornar-se *caput mundi* (‘capital do mundo’) e no seu centro será erguido um miliário (conhecido como miliário de ouro) que assinalava o centro do império: dali partiam todas as vias que chegavam a todo o lado e que, percorridas em sentido inverso, iam dar a Roma. Era então um tempo de afirmação de identidades, de domínio da força, de vencedores e vencidos. Mas uma coisa era a vitória das armas e outra a vitória da cultura. Roma, situada no “rude Lácio” (segundo Horácio), teve de ir “aprender” com a Grécia e tornou-se uma cidade bilingue. Por isso o mesmo poeta – num tempo em que a cidade, sob a égide organizadora de Augusto, agia já como rainha do mundo –, não deixou de afirmar, numa atitude de profundo respeito pela lição da Hélade (*Epist.* 2.2.41-45; tradução de Maria Helena da Rocha Pereira):

Coube-me em sorte ser criado em Roma e aprender
quanto mal fez aos Gregos a cólera de Aquiles.
A boa Atenas ampliou um pouco a minha cultura,
a saber: deu-me o desejo de distinguir curvas de rectas,
e procurar a verdade nos bosques de Academos.

Os versos transcritos revelam que Roma estava já culturalmente helenizada nos finais do séc. I a.C., mas não deixam de sublinhar, por outro lado, quanto a Grécia continuava a ser a sede do cultivo aprofundado das matemáticas e da filosofia, isto é, o centro cultural do mundo.

Nos tempos que se seguiram ao tempo de Alexandre o Grande (séc. IV e III a.C.) e ao seu vasto império, o cidadão da pólis transformara-se em cidadão da cosmópolis, isto é, em cidadão do mundo. Assistira-se então, segundo H.-I. Marrou, à passagem da civilização da pólis à *paideia*, da cultura. Criada uma *koinê* linguística, a saber, uma língua grega relativamente comum a todas as regiões de influência helénica, a cultura grega disseminara-se e universalizara-se. Com o contributo das filosofias helenísticas, as fronteiras, seja qual for a sua natureza, tenderam a esbater-se, ajudando à abertura de ideias e à mudança de mentalidades. Como observou J. Ribeiro Ferreira (*A Grécia Antiga*, Lx., Ed.

70, 1992, p. 241), para o Grego de então, “O que interessa (...) não é pertencer a um povo ou a uma raça, mas estar integrado em determinada cultura, ter um determinado ideal ou concepção da existência. Desde que assim aconteça, não importa que seja grego, persa, trácio, judeu ou romano. A *oikoumene* estava formada.” É já o conceito de casa comum, de globalização, de universalismo.

Por esse tempo, a cultura latina era ainda “incipiente” e Roma voltou-se, como se viu, para a Grécia. Deu-se uma verdadeira assimilação cultural, e com tanta felicidade que a cidade, a capital do “inculto” Lácio, acabou por ascender à posição de grande mediadora cultural, convertendo-se na cidade que transmitiu a *paideia* grega, processada ou mediada pela *humanitas* latina, ao mundo ocidental. Imperialista pelas armas, Roma tornou-se frutuosa aluna da Grécia. E foi assim que a cultura helênica passou ao mundo romano, transportando com ela as noções e as vivências do universalismo, do esbatimento das fronteiras entre gregos e bárbaros, da mistura de raças e culturas, em suma, da abertura ao outro – num movimento geral que não deixou de ter, convém sublinhar, os seus opositores e críticos. Mas Roma fragmentou-se em vários reinos e o mundo transformou-se, inexoravelmente.

Hoje assistimos a um novo movimento de globalização, potenciador de uma acelerada viragem cultural, num tempo em que se privilegiam as relações *inter gentes*, num tempo caracterizado pela procura de convergência e de diálogo entre os povos, com vista ao ecumenismo e à paz. Para aqui chegar, ao longo dos séculos, as gentes foram-se abrindo – por força dos movimentos de expansão dos séculos XV e XVI, primeiro, e da abertura ao outro propiciada pelo progresso humano, pelos avanços tecnológicos e pelos atuais *media*, depois – ao cosmopolitismo e ao hibridismo, ao multiculturalismo e ao transculturalismo, que constituem o cerne do mundo pós-moderno, um mundo sem um claro centro, pois tem muitos centros, aparentemente sem fronteiras e, desejavelmente, sem tentações imperialistas.

O Centro de Estudos Lusíadas tem por missão proceder ao estudo e divulgação da cultura portuguesa no mundo, em todos os tempos e lugares. Sabendo, todavia, que o movimento dessa cultura, “pelo mundo em pedaços repartida”, não foi unívoco, mas antes duplo e pendular: dando e recebendo, de Portugal para o Mundo e do Mundo para Portugal.